



Evolução urbana do centro histórico de Petrópolis: processo de arqueologia da paisagem 1860-2020

Patricia Drach^a , Gisele Silva Barbosa^b , Fernanda Alves Barcellos^c , Thaissa dos Santos Martins^d , Júlia Melo Araújo^e e Letícia Freitas^f

^a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Urbanismo – PROURB, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: patricia.drach@gmail.com

^b Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola Politécnica, Programa de Engenharia Urbana, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: giselebarbosa@poli.ufrj.br

^c Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Tecnologia e Ciências, Escola Superior de Desenho Industrial, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Petrópolis, RJ, Brasil. E-mail: nandabarcellos11@gmail.com

^d Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Tecnologia e Ciências, Escola Superior de Desenho Industrial, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Petrópolis, RJ, Brasil. E-mail: martinss.thaissa@gmail.com

^e Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Tecnologia e Ciências, Escola Superior de Desenho Industrial, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Petrópolis, RJ, Brasil. E-mail: juliameloaraujo@gmail.com

^f Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Tecnologia e Ciências, Escola Superior de Desenho Industrial, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Petrópolis, RJ, Brasil. E-mail: lele.freitas04@gmail.com

Submetido em 24 de maio de 2020. Aceito em 5 de outubro de 2020.
<https://doi.org/10.47235/rmu.v8i2.150>

Resumo. A cidade de Petrópolis está localizada na Serra da Estrela, no estado do Rio de Janeiro, Brasil. A cidade de veraneio da Família Imperial é hoje reconhecida por seu traçado urbano e arquitetura diferenciada. Possui marcos do seu desenvolvimento que permitem compreender a evolução urbana conectada à sua trajetória e aos momentos históricos do país. No Centro Histórico, casarões do século XIX se misturam aos sobrados (Art Déco e eclético) e aos exemplares da arquitetura modernista e industrial. O objetivo deste trabalho foi apresentar um estudo da evolução urbana do Centro Histórico, no recorte temporal de 1860 e 2020. Destaca-se que o estudo considerou, além do traçado, a tipologia das edificações, sendo também analisada a distribuição das classes sociais no território. Foram utilizadas ferramentas computacionais e seus resultados foram correlacionados com o intuito de gerar modelos e mapas urbanos e de renda. A análise revelou (i) o percurso de expansão da cidade, com a abertura de ruas no Centro Histórico; (ii) a permanência das classes sociais de maior poder aquisitivo em torno do Museu Imperial, conforme previamente definido pelo Plano Urbanístico de 1846; (iii) e ainda, a manutenção de exemplares de casarões históricos que refletem os anos imperiais.

Palavras-chave. evolução urbana, morfologia urbana, centro histórico, cidade de Petrópolis, arqueologia da paisagem

Introdução

As cidades passam por muitas alterações morfológicas no decorrer do tempo. No Brasil, o ideário de modernização e contemporaneidade urbana muitas vezes descaracteriza cidades históricas. Apesar da iniciativa de preservação de órgãos governamentais (IPHAN) e organizações sociais, a especulação imobiliária, na maioria das cidades brasileiras, acaba pressionando a uma reestruturação urbana, principalmente em áreas mais nobres. É comum no Brasil, a preservação histórica estar relacionada à desaceleração econômica. Algumas cidades históricas têm seus centros históricos preservados, pois perderam a importância política e econômica e não por uma conscientização de preservação. As cidades históricas mineiras, por exemplo, tinham grande importância no século XVIII e XIX, principalmente na exploração do ouro, e com o fim da exploração e a alteração da capital para o Rio de Janeiro, muitas dessas cidades permaneceram sem muitas alterações em seu núcleo central (Santana, 2012). Somente, em meados do século XX, com a criação de órgãos governamentais de preservação urbana, muitas dessas cidades passaram a ter incentivos financeiros voltados para a preservação cultural (Santana, 2012). Porém, muito da história arquitetônica e urbanística foi descaracterizada ou mesmo perdida com o passar dos anos.

O objeto de estudo deste trabalho é a cidade de Petrópolis (22° 30' 17" S, 43° 10' 56" O, 838 m), localizada na região Serrana do Estado do Rio de Janeiro (chamada de Serra da Estrela). A cidade apresenta um clima tropical de altitude e, segundo a classificação de Köppen e Geiger (Koeppen-Geiger (Peel et al., 2007), o clima é categorizado como Cfb - clima temperado úmido com verão temperado. A pluviosidade significativa ao longo de todo o ano, com uma média anual de 1929 mm, associada ao relevo e à presença de rios cortando a região são fatores indicativos da ocorrência de desafios para a sua implantação.

Petrópolis possui uma importância histórica nacional por ter sido considerada a cidade de veraneio da Família Imperial ainda em meados do século XIX. Por possuir clima ameno e uma paisagem natural montanhosa de grande exuberância, e ainda, estar localizada a cerca de 60 km da cidade do Rio de Janeiro (capital do Império), Petrópolis foi planejada

para receber a família Real e sua corte nos períodos de calor intenso no Rio de Janeiro (Taulois, 2007).

A cidade apresenta até os dias atuais diversos exemplares arquitetônicos do período do Império e grande parte do traçado do Centro Histórico, ou núcleo fundacional, planejado por Major Köeler em 1846 foi preservado até os dias atuais. Porém, algumas alterações, principalmente tipológicas apresentam um panorama dos vários momentos da história, não só da cidade, mas também do Brasil. Alguns casarões do século XIX se misturam aos exemplares da arquitetura modernista e, ainda, às construções do período industrial. A Rua do Imperador, por exemplo, uma das principais vias do Centro Histórico, apresenta um painel de sobrados, que incluem diversas linguagens arquitetônicas dentre elas, o Art Déco, o eclético, etc. (Van Camp, 2017). Petrópolis possui marcos importantes do seu desenvolvimento que permitem a compreensão da evolução da morfologia urbana e a interferência dos momentos históricos na sua formação urbana.

Desta forma, entendendo a complexidade que envolve o desenvolvimento urbano, o objetivo deste artigo é apresentar um estudo de evolução da forma urbana do Centro histórico de Petrópolis, analisando dois recortes temporais (1860 e 2020). Buscou-se englobar questões da estrutura histórico-geográfica, mas também a ocupação social da cidade. A partir do fato histórico de que a cidade foi planejada para receber a corte portuguesa, buscou-se verificar se essa característica da elitização do Centro Histórico permanece até os dias atuais.

Devido à importância histórica nacional da cidade de Petrópolis muitos trabalhos acadêmicos se debruçaram sobre sua evolução urbana (Pedroso, 2007) (Pedroso, 2014) (Ambrozio, 2008), porém espera-se contribuir com uma demonstração gráfica dessa evolução e também com uma discussão sobre a persistência da segregação social dos espaços urbanos durante os últimos séculos.

O procedimento metodológico adotado envolveu quatro fases específicas que podem ser assim divididas: levantamento de dados; organização dos dados em textos e mapas; geração de mapas para estudo; análise dos resultados obtidos. Desta forma, foram

desenvolvidos mapas dos anos representativos do recorte temporal (1860 e 2020), incluindo mapas de uso do solo, de gabaritos, de relevo, das diversas regiões morfológicas, mapas de renda, entre outros; além da geração de maquetes computacionais 3D. No entanto, também foi necessário o levantamento de dados referente a outros períodos históricos como o período no qual Petrópolis foi a capital do Estado do Rio de Janeiro (1894 a 1902) e o período de industrialização da cidade.

Para retroceder às formas urbanas dos séculos anteriores foi desenvolvido um processo de “arqueologia da paisagem”, com coleta de dados para reconstrução de um cenário, o mais próximo possível do existente.

Destaca-se que este artigo é parte do processo de desenvolvimento do diagnóstico sócio ambiental e territorial do Centro Histórico de Petrópolis. Através da arqueologia da paisagem pretende-se entender a evolução da malha urbana na região. Portanto, foi efetuado o levantamento da forma urbana no início da implantação do núcleo da cidade, passando por sua evolução em vários momentos históricos até os dias atuais. Este processo permite a construção de um “passo a passo” desta evolução, auxiliando na interpretação dos processos que envolveram a configuração atual da região e apontando possibilidades de ações futuras, ou seja, de futuras intervenções e o embasamento de processos de preservação.

As cidades são sistemas dinâmicos e, portanto, estão em um processo constante de mutação e desenvolvimento. A análise da forma urbana envolve as diferentes partes da cidade, buscando identificar como se deu sua ordenação.

Para Oliveira (2016), a morfologia urbana envolve não apenas o estudo das formas urbanas, mas abrange, também, os atores e os processos envolvidos em sua transformação. Da mesma forma, Lamas (2004) aponta que o seu estudo abrange aspectos para além do

meio urbano, incluindo a reciprocidade das relações que envolvem a paisagem urbana e sua estrutura. Pode-se dizer, então que o estudo da morfologia urbana compreende o envolvimento de todo território sob interferência do homem em seu passado ou presente.

Já a forma urbana, diz respeito aos “principais elementos físicos que estruturam e moldam a cidade – os tecidos urbanos, as ruas, as parcelas urbanas (ou lotes), os edifícios, entre outros” (Oliveira, 2016). É possível entender que o estudo da forma urbana, que trata do espaço físico e de suas transformações ao longo do tempo, pode ser visto como um dos aspectos do estudo da morfologia urbana. Portanto, no estudo da forma urbana, os aspectos sociais, políticos e econômicos estão, necessariamente, presentes, por fazerem parte do processo de urbanização em si, uma vez que são elementos motivadores das decisões de produção da forma urbana, não fazendo parte, entretanto, do objeto de estudo propriamente dito (Lamas, 2004). A abordagem, aqui adotada, será a do levantamento da paisagem urbana através da construção de um perfil histórico-geográfico.

Breve histórico da formação de Petrópolis

Da Fazenda do Córrego Seco à Cidade Imperial

Durante os primeiros 200 anos da colonização portuguesa no Brasil a região onde hoje situa-se a cidade de Petrópolis permaneceu praticamente desconhecida, pois apesar de estar bastante próxima do Rio de Janeiro, há uma grande cadeia de montanhas (Serra) com mais de 1000 metros de altura de difícil acesso (Taulois, 2007). Porém, com o interesse econômico de se chegar às cidades do interior de Minas Gerais devido à exploração do Ouro e o escoamento da produção pelos portos do Rio de Janeiro, essa barreira física foi transpassada pela abertura da Estrada Real com o novo caminho como apresentado na Figura 1.

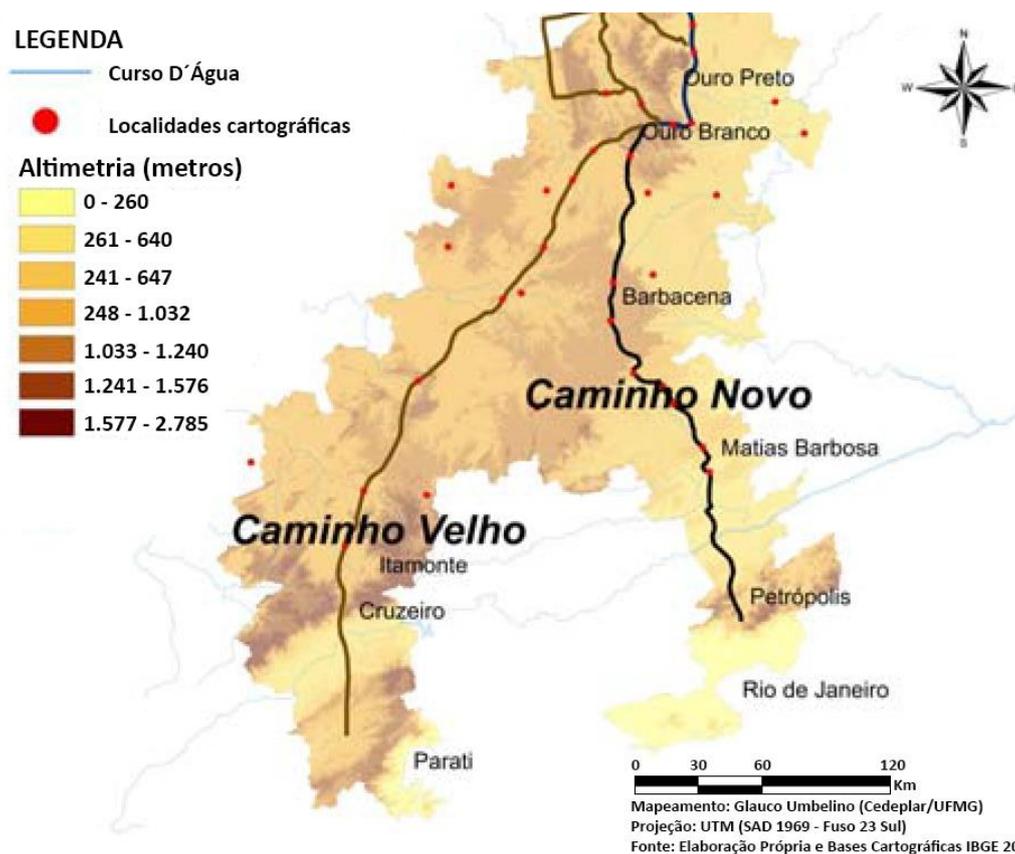


Figura 1. A Estrada Real com indicação do relevo mostrando o Caminho Velho e o Caminho Novo (que passa por Petrópolis (fonte: Umbelino et al., 2009).

O chamado Caminho Novo, faz parte da Estrada Real – um conjunto de caminhos do Brasil Colonial – por onde ouro e pedras preciosas eram transportados. Já em 1698, seu percurso começou a ser traçado, mas a definição da rota final ocorreu entre os anos de 1722 e 1725. O Caminho permitiu reduzir a viagem em 1/3 do tempo, se comparado ao Caminho Velho (Taulois, 2007).

O trajeto do caminho atual tem início no Porto da Estrela construído, na época, no fundo da baía da Guanabara, onde hoje fica a Praia de Mauá. Inicialmente a ideia foi fazer a subida através da Serra do Mar, com a entrada onde

hoje se localiza o município de Xerém, na base da serra, mas este é muito íngreme, ocasionando acidentes com animais e pessoas. Assim, uma nova subida da Serra foi proposta pelo Sr. Bernardo Proença, um rico fazendeiro da região, uma vez que existia em sua fazenda uma antiga trilha aberta por índios da região, permitindo o acesso com um menor aclave. A abertura desse Caminho Novo possibilitou, então, a subida da Serra do Mar abrindo caminho em direção a Minas Gerais, passando pela fazenda do Córrego Seco – hoje Petrópolis. Este caminho também é conhecido como Estrada Velha da Serra, e pode ser visto na fotografia da Figura 2.



Figura 2. Trecho da Estrada Velha da Estrela (Iconografia, sem data) (fonte: Arquivo Histórico do Museu Imperial - <http://200.159.250.2:10358/handle/acervo/7048>).

Na imagem da Figura 2 é possível observar o quão íngreme é a Serra do Mar, além da vegetação de Mata Atlântica existente na região. O trânsito, neste caminho se tornou intenso, pois ele fazia a ligação da Baía de Guanabara (Rio de Janeiro) e Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto em Minas Gerais.

Em março de 1822, D. Pedro I esteve pela primeira vez na região, mais especificamente na Fazenda do Padre Correia e teve o interesse em estabelecer naquele local sua residência de veraneio. Como a fazenda não estava à venda, ele, então, adquiriu outra propriedade em 1830, a Fazenda do Córrego Seco, pertencente ao Sargento-Mór José Vieira Afonso. Posteriormente, D. Pedro I conseguiu ampliar seu território, adquirindo outras propriedades no entorno, no Alto da Serra, localizadas nos atuais bairros Quitandinha e Retiro, Petrópolis. A questão climática, tão debatida nos dias atuais (Drach, 2017; Drach et al., 2016), já foi considerada na escolha de D. Pedro I, que buscava um local com clima mais ameno e mais semelhante à Europa para esquivar do calor tropical e da insalubridade dos verões da cidade do Rio de Janeiro.

D. Pedro I não conseguiu realizar o sonho de construir seu Palácio de Verão, o Palácio da Concórdia, mas sua fazenda passou a ser chamada de Fazenda da Concórdia. “O projeto do palácio e o orçamento da obra constam dos arquivos do Museu Imperial,

infelizmente sem referência quanto ao local da obra” (Taulois, 2007).

Em 1834, essas terras passam para as mãos de D. Pedro II, dada a abdicação e morte de seu pai. A partir disso, as terras foram arrendadas por sucessivas vezes até que “Paulo Barbosa da Silva, Mordomo da Casa Imperial, teve a iniciativa de retomar os planos de Pedro I, de construir um palácio de verão no alto da Serra da Estrela” (Taulois, 2007).

No dia 16 de março de 1843, o Imperador D. Pedro II, assinou o Decreto Imperial nº 155 que arrendava as terras da fazenda do Córrego Seco ao Major Köeler para a fundação da ‘Povoação-Palácio de Petrópolis’.

(Taulois, 2007).

A semente da cidade de Petrópolis parte de um plano inicial idealizado pelo mordomo imperial Paulo Barbosa e seu colega de armas, o Major Júlio Frederico Köeler, por eles denominado “Povoação-Palácio de Petrópolis”. No Decreto Imperial nº 155 estavam incluídas as diretrizes de ocupação da região enumeradas por Taulois (2007):

- 1-Projeto e construção do Palácio Imperial;
- 2-Urbanização de uma Vila Imperial com Quarteirões Imperiais;
- 3-Edificação de uma igreja em louvor a São Pedro de Alcântara;
- 4-Construção

de um cemitério; 5-Cobrar foros imperiais dos colonos moradores; 6- Expulsar terceiros das terras ocupadas ilegalmente.

O Major Köeler elaborou a planta geral da Povoação-Palácio e do Palácio Imperial. A tarefa de desenvolver o plano urbanístico não foi trivial, dada a necessidade de inserir uma cidade entre montanhas e aproveitar o trajeto dos rios que passam pela região. Uma das importantes alterações, em relação ao estilo colonial português adotadas, foi a inversão da posição das casas em relação aos rios que cortam a cidade.

Ele inverteu o antigo estilo colonial português de construir as casas com o fundo para os rios que eram utilizados apenas como esgoto, como na maioria das nossas cidades. Passou a aproveitar os cursos de água para traçar pelas suas margens as avenidas e as ruas que davam acesso aos bairros. Outro aspecto relevante no plano foi a preocupação com a preservação da natureza determinada pelo seu código de posturas municipais. (Taulois, 2007).

Na Figura 3 pode ser observado o plano urbanístico desenhado pelo Major Köeler em 1846.

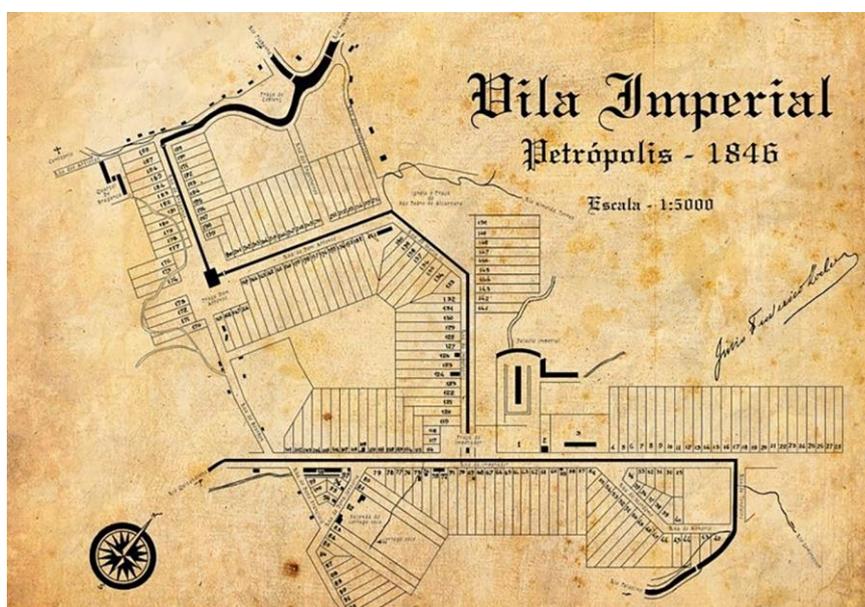


Figura 3. Plano urbanístico desenhado pelo Major Köeler - 1846 (fonte: Biblioteca do Museu Imperial – Petrópolis, RJ).

É possível observar, através do mapa da Figura 3, a posição dos rios, na parte central das ruas, apesar de algumas retificações dos cursos d'água terem sido efetuadas. Esta configuração permanece, até hoje, apesar da canalização de muitos pequenos afluentes da cidade.

Dez anos depois, o Major Köeler apresenta uma revisão ao projeto de 1846, o plano urbanístico de 1856 (Figura 4), agora mais detalhado e abrangendo regiões adjacentes ao Palácio Imperial. Essa expansão do plano

original aconteceria seguindo o caminho dos rios que banham a região e ocupando uma pequena parte das partes mais baixas dos morros do entorno do plano inicial. Neste momento foi importante isto ter acontecido para que a paisagem natural permanecesse minimamente preservada. Com o passar dos anos, com a expansão da cidade, aparentemente sem um planejamento, abriram-se outros caminhos e ocuparam-se regiões mais elevadas, colocando em risco parte da população.

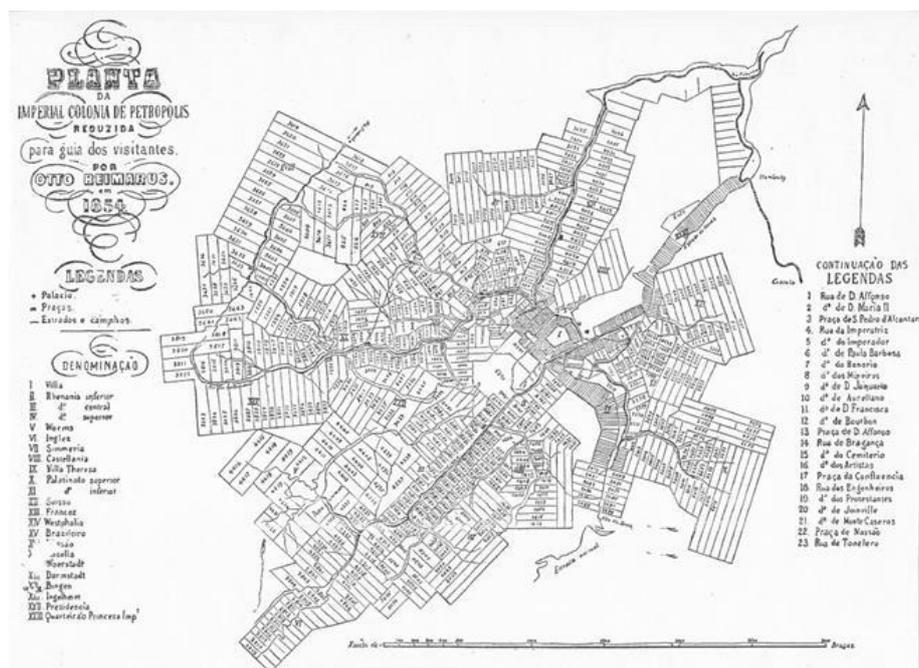


Figura 4. Plano urbanístico desenhado pelo Major Köeler - 1856 (fonte: Biblioteca do Museu Imperial – Petrópolis, RJ).

A abrangência do plano urbanístico atualizado (Figura 4) se amplia seguindo o caminho dos rios e atingindo regiões anteriormente desocupadas.

As regiões mais distantes foram incorporadas ao núcleo principal do povoado, os chamados “subúrbios”. Continuaram se desenvolvendo a partir do trajeto dos rios e caracterizavam-se pela racionalização das vias de comunicação, almejada por Köeler, porém, no século seguinte, a ocupação urbana não teve uma continuação planejada. Segundo Choay (1965), a cidade adapta-se à sociedade que a habita, uma nova ordem na qual há a racionalização das vias de comunicação e dos setores urbanos com o deslocamento das classes média e operária para os subúrbios.

Com o crescimento da população e a consequente necessidade de expansão da área urbana do núcleo da cidade, observa-se que ocorre uma intensa ocupação das denominadas “áreas mais problemáticas do que as planejadas pelo Major Köeler” (Silva et al., 2012). Os autores apontam, ainda, que as áreas do topo de morros e do fundo de vales acabam sendo ocupadas, resultando em um maior desmatamento e trazendo, como consequência, dentre outras, o aumento dos processos de assoreamento dos rios da região. Estes dois fatores têm implicação direta no transbordamento de rios com inundações e

risco para os habitantes ribeirinhos e, provocam ainda, um aumento dos deslizamentos de massa de morros da cidade, ocasionando o soterramento de regiões, algumas habitadas (Silva et al., 2012).

É interessante observar, a partir do exposto, na breve história da cidade, que em sua trajetória, desde a pequena Vila da Serra da Estrela de 1845 até seus primeiros passos como cidade em 1857, houve um cuidado e preocupação em preservar os recursos naturais e a beleza da região.

A Evolução da Forma Urbana

A evolução urbana em Petrópolis ocorreu atendendo diretamente aos interesses das classes dominantes, sendo que, em um primeiro momento, atendeu diretamente aos interesses pessoais do Imperador (Pedroso, 2014).

O sistema de divisão de “prazos”, como eram denominados os lotes na época pelo Major Köeler, reproduzia a hierarquização observada no palácio. Segundo Morlei (2008), esta categorização dos espaços refletia as classes sociais da época. As dimensões e localização destes “prazos” variavam de acordo com três classes estabelecidas por Köeler. Sua ocupação, no regime foreiro, buscou atender aos anseios do Imperador que pode delinear

“uma vizinhança a seu gosto.” (Schwarcz, 1998).

Desta forma, as três categorias de “prazos” (lotes) são definidas da seguinte forma: aqueles localizados nas proximidades do Palácio Imperial, na região denominada Quarteirão Vila Imperial; os lotes ao redor do Quarteirão Vila Imperial que foram chamados de “quarteirões coloniais”; e os lotes ou “prazos” periféricos.

Os lotes do Quarteirão Vila Imperial foram designados a pessoas escolhidas diretamente pelo Imperador. Os nobres e diplomatas da Corte faziam parte deste grupo, que acabaram se fixando na região e construindo casas de comércio e artesanato.

Ao redor do Quarteirão Vila Imperial, o Major Köeler organizou o que chamou de

“quarteirões coloniais” que, como o nome indica, seria a região na qual foram instalados os colonos alemães que chegaram em 1845, formando a Imperial Colônia de Petrópolis. Os quarteirões coloniais receberam nomes relacionados às localidades de origem dos próprios colonos como: Renânia, Palatino, Westfália, Bingen, Mosela, Siméria, Ingelheim, Castelânea, Darmstadt, Worstadt, Nassau (Rabaço, 1982). A distribuição desses quarteirões é apresentada na Figura 5 e, a partir dela é interessante observar que muitos preservam os nomes até os dias de hoje, apesar, de apresentarem, por vezes, desvios na pronúncia. Já a terceira categoria que foi composta pelos “prazos” mais periféricos e distanciados do núcleo da região, não receberam uma nomenclatura específica.

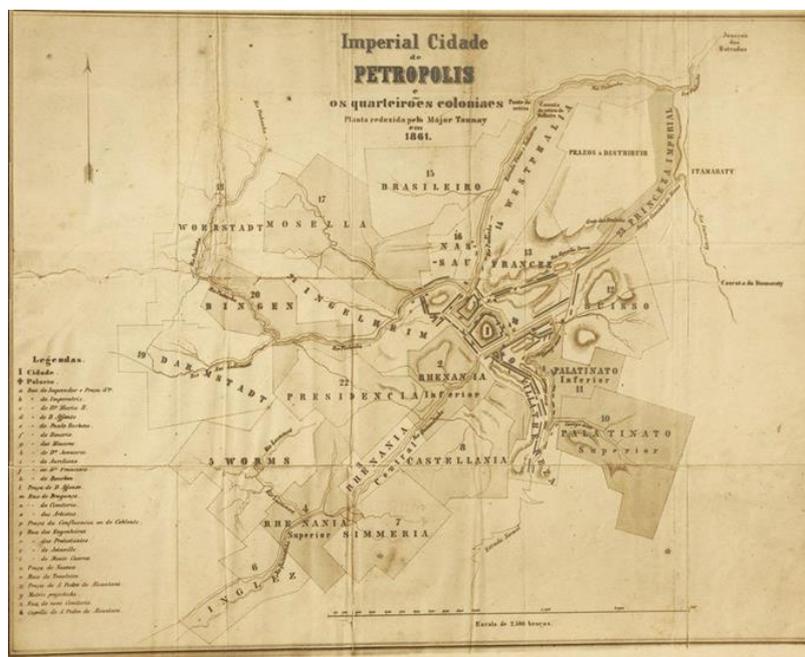


Figura 5. Quarteirões coloniais (fonte: Biblioteca do Museu Imperial – Petrópolis – RJ).

As determinações de localização e repartição da cidade, em zonas específicas, não ficaram restritas a essa medida. Foi desenvolvido um Regulamento, composto por 16 artigos, organizando a nova povoação. Dentre eles, podem ser citados:

Concessão de terrenos quadrilongos de 55 metros de frente e 110 metros de fundo; A subdivisão de “prazos” era proibida; Construção obrigatória no prazo de 2 a 4 anos; Era determinado construir as casas perto das ruas e praça; As fachadas dos prédios

deveriam ser aprovadas antes da construção; Era obrigatório o plantio de árvores nas calçadas e nas praças; Deveria ser construída a calçada com 10 palmos de largura no prazo de 1 ano; Os “prazos” de terras deveriam ser cercados ou murados, no tempo máximo de 1 ano. (Rabaço, 1982)

O Plano Köeler indicou também a criação de um cinturão verde nos quarteirões da cidade, incluindo a indicação de ruas arborizadas nas margens dos rios, detalhando a presença das hortênsias azuis, magnólias e paineiras, estas

últimas ainda presentes em toda a cidade. Esta ação rendeu à cidade avenidas largas e arborizadas no entorno do Palácio Imperial, atual Museu Imperial.

Pedroso (2007) aponta que, dentre os setores de prestação de serviços que se desenvolveram na cidade, o setor de hospedagem tem uma contribuição importante já em sua época inicial, com a presença de hotéis como Bragança (1848), Suíço (1847) e Inglês (1849). Sendo o hotel Bragança, localizado na Rua do Imperador. Desde a fundação da cidade, esta rua tornou-se a principal caracterizando-se pela presença de diversas “edificações, tanto comerciais e de serviços quanto político-administrativas”. Já a partir de 1850, ela recebeu a construção de vivendas e sobrados com lojas comerciais no térreo, de propriedade de portugueses e alemães (Pedroso, 2007).

Neste momento, também é apontada a presença de pequenas indústrias caseiras, como a fabricação de biscoitos, serralherias, licores e vinhos de frutas variadas. Essas atividades ainda hoje possuem presença importante na cidade e contribuem para caracterizá-la como ponto turístico.

Com o tempo, a cidade além de abrigar a Corte na estação de veraneio, passa a ter papel importante na economia do Rio de Janeiro, servindo assim como rota de transporte de produtos, principalmente o café. O processo de modernização do Império impulsiona o maior desenvolvimento da economia, com investimentos na infraestrutura e na urbanização do Brasil.

Para o ramal de ligação da corte com Minas Gerais, o projeto foi desenvolvido primeiramente conectando o Rio de Janeiro ao Vale do Paraíba e, mais tarde, a Minas Gerais (Arquivo Nacional, 2016). Esse fato propicia a expansão da cidade de Petrópolis para além do centro histórico, possibilitando novas dinâmicas comerciais e sociais na região. As diversas estações de trem, construídas no caminho para Minas Gerais permitiram o crescimento de novos núcleos urbanos e a intensificação do ir e vir de mercadorias e matérias primas, permitindo o escoamento da produção local.

Com a Proclamação de República em 1889, apesar da mudança do regime e de alguns

protagonistas, como aponta Oliveira (2018), o cenário não muda: “dada a intrínseca relação entre o poder central e a cidade, no tempo da monarquia, é pertinente observar sua continuidade também no período republicano.” (Oliveira, 2018). Ele coloca ainda o fato do bloco majoritário de deputados federais constituintes de 1891 reunirem-se com regularidade em Petrópolis, “numa casa particular no bairro Ingelheim que hoje é conhecida como a Casa dos Constituintes” (Oliveira, 2018).

A presença constante do Imperador e, posteriormente, dos novos envolvidos com o poder, fez com que as legações de diversos países se fizessem presentes na cidade, sendo que a Legação Inglesa foi a primeira a se estabelecer já em 1863. “De 15 a 30 países (além da Santa Sé que, somente em 1923, se constituiria no Estado do Vaticano) mantiveram, entre 1890 e 1940, suas representações diplomáticas em Petrópolis” (Oliveira, 2018).

Oliveira (2018) ressalta ainda que após o tempo da monarquia, os “presidentes subiam a Serra no verão acompanhados pelos membros do governo e os mesmos representantes da elite econômica e política do império, com suas antigas práticas”. Assim, Petrópolis continuou sendo o destino preferido de verão das “classes abastadas” e da “intelligentsia brasileira”. Esta presença trouxe para a cidade um conjunto de novas edificações com os estilos referentes a seu momento histórico, contribuindo para o desenvolvimento de um legado arquitetônico que conta com as linguagens Art Déco, eclético, além de exemplares marcantes da arquitetura moderna.

Pedroso (2007) destaca que “Petrópolis vai iniciar por si um processo de implantação e desenvolvimento de suas indústrias, numa tentativa de criar e gerir capital” (Pedroso, 2007). Portanto, não nasce da necessidade de “acumulação de capital” como acontecia no espaço europeu (Santos, 1979), nem da expansão de uma área rural, apontada como característica quase unânime aos núcleos urbanos brasileiros (Pedroso, 2007).

O novo contexto contribui para as grandes modificações do traçado urbano de Petrópolis por estar no caminho da primeira estrada de ferro do Brasil, a Estrada de Ferro D. Pedro II. Inaugurada em 1854, esta foi a primeira

ferrovia implantada no Brasil e fazia a ligação da Corte com os estados de Minas Gerais e São Paulo, sendo umas das obras implementadas por Irineu Evangelista de Souza, posteriormente chamado de Visconde de Mauá (Mattos, 1995; Arquivo Nacional, 2016).

A indústria têxtil e a cervejeira que tiveram destaque desde o início da cidade permanecem com uma importante participação na dinâmica econômica do final do século XIX ao início do XX. Com a crescente industrialização Petrópolis se torna um dos principais polos industriais da região, com destaque para a produção têxtil.

Esse período é importante por marcar um grande crescimento populacional, fazendo assim, modificações relevantes na atividade urbana. Com isso, atrela-se também uma mudança social no território, com o aumento da pluralidade cultural, pois há um número expressivo de imigrações alemã e italiana (Pedroso, 2007). Paralelamente, a dinâmica comercial intensifica a desigualdade social, evidenciando as diferenças na distribuição de moradias e sedimentando geograficamente o que foi definido desde a implantação da cidade. Portanto, no centro da cidade, encontram-se as pessoas de alto poder aquisitivo (onde está presente a nobreza, com o palácio imperial) e, nas periferias os trabalhadores, nos chamados parques industriais.

A partir do tecido da cidade é possível observar as diversas “camadas” urbanas, como resultado de sua constante mudança, uma verdadeira marca da passagem do tempo. Desta forma, esse estudo busca apresentar a leitura da evolução urbana, por meio de um levantamento dessas “camadas” da cidade, através de uma arqueologia da paisagem.

Procedimento Metodológico

Para identificar as alterações da forma urbana da cidade desde sua fundação, foram definidos marcos, momentos modificadores da cidade que geraram mudanças no seu traçado urbano. O levantamento da forma urbana e o uso do solo do Centro Histórico foi o ponto inicial para a construção de um modelo computacional da região, respeitando o relevo. A partir da definição dos marcos, foi possível representar as modificações

observadas ao longo de sua história, gerando um pensamento crítico sobre as cidades e suas estruturas.

Para o processo de construção da pesquisa, o procedimento metodológico adotado envolveu quatro fases específicas que podem ser assim divididas: levantamento de dados; organização em textos e mapas; geração de mapas para análise; análise dos resultados obtidos.

A Fase Inicial, de levantamento de dados, foi relacionada à busca de todas as informações capazes de construir uma imagem mais precisa da região. Assim, foram pesquisados arquivos bibliográficos (artigos acadêmicos, livros e outros); arquivos de imagens e filmes históricos, principalmente os acervos virtuais da biblioteca do Museu Imperial; mapas e planos urbanísticos; arquivos climáticos (para entender o clima da região, fator que influenciou inclusive a escolha da região pela família Imperial) e, ainda, outros elementos capazes de trazer informações (textos e revistas da cidade e/ou sobre a cidade).

A organização dos dados obtidos (Fase 2) em forma de textos e mapas para melhor entendimento das imagens envolveu o desenvolvimento de mapas do uso do solo e dos gabaritos das edificações no Centro Histórico. Foi desenvolvida a estruturação da evolução histórica e foram definidos os marcos, 1860 e 2020, para proporcionar a compreensão da evolução da cidade e indicar as modificações ocorridas ao longo do tempo. Assim, cada marco ficou definido como sendo o correspondente a um ano ou intervalo de tempo para o qual é desenvolvida a maquete computacional, possibilitando a análise da forma urbana. Retroceder no tempo permitiu identificar a “arqueologia da paisagem”.

Na Fase 3, a geração das maquetes eletrônicas envolveu o uso de diferentes ferramentas e a busca de conexões entre elas para gerar tal modelo tridimensional. A elaboração do produto final foi realizada por um processo de sucessivas etapas:

- GoogleMaps/MyMaps: Realização do levantamento do uso e da forma atual.
- Geração de um arquivo com extensão .KML.

- ArcGis: Conversão do arquivo .KML em um arquivo .DWG para ser utilizado no AutoCAD.
- AutoCAD: Sobreposição dos mapas georreferenciados dos arquivos de blocos, vias e topografia da região.
- SketchUp: Criação da volumetria dos dois marcos e da topografia para a geração da maquete final.

A análise dos resultados obtidos (Fase 4), apresentados nos modelos computacionais permite observar as modificações na dinâmica do Centro Histórico – com as principais alterações das ruas localizadas nesta região.

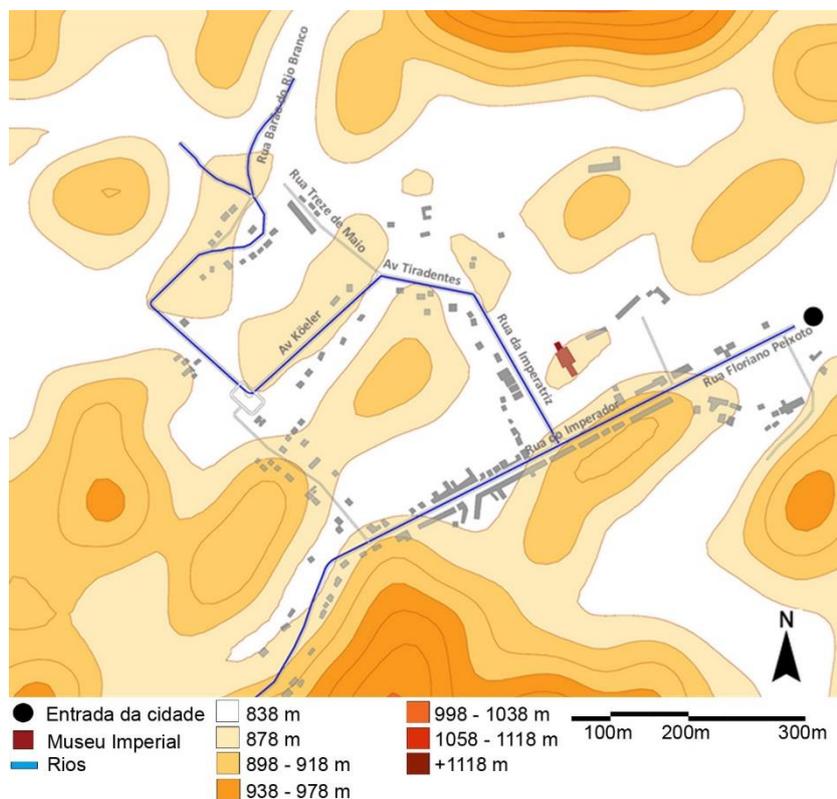
Como perspectivas a curto e a média prazo pode ser apontado o desenvolvimento de outros modelos computacionais, um deles, certamente relacionado ao período do desenvolvimento industrial da cidade.

Resultados e Discussões

Os mapas da Figura 6ab permitem a observação do relevo da região com a

sobreposição das plantas de locação referentes aos anos de 1860 e 2020, respectivamente, com enfoque apenas para o Centro Histórico de Petrópolis. É possível depreender da Figura 6ab, as dificuldades encontradas pelo Major Köeler ao elaborar uma planta geral, cuja locação foi capaz de circundar as margens dos rios e as maiores elevações. Já no entorno imediato, observa-se uma variação importante de altitude chegando a 240 metros, mesmo nesta região central. A cidade de Petrópolis é repleta de picos, pedras e morros, sendo que muitos deles possuem mais de 2.000 metros de altitude.

Para o desenvolvimento da planta inicial da cidade (1860) foram utilizados como base os mapas das Figuras 3 e 4 e, ainda fotografias e textos do acervo da Biblioteca do Museu Imperial de Petrópolis.



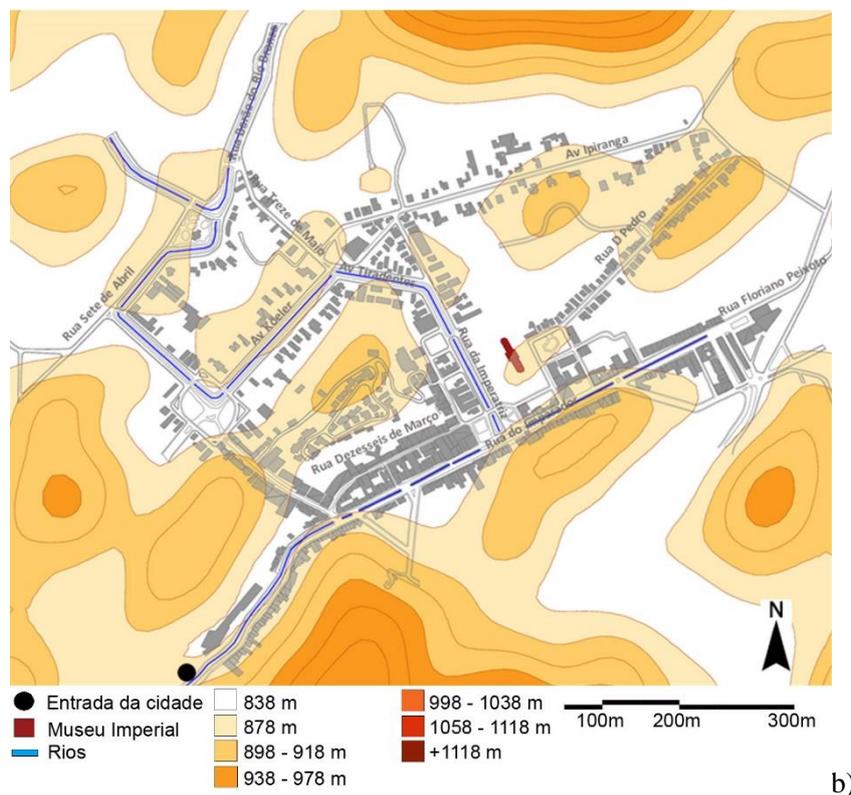


Figura 6. a) Mapa de relevo indicando o Centro Histórico no momento de sua implantação – 1860. b) Mapa de relevo indicando o Centro Histórico com sua configuração atual – 2020. (fonte: elaborada pelos autores).

A partir da observação dos mapas da Figura 6ab é possível estabelecer uma comparação entre a região ocupada pelo Centro Histórico no momento de implantação da cidade (1860 – Fig. 6a), onde as construções se apropriaram dos terrenos mais planos e no momento atual (2020 – Fig. 6b). No Centro Histórico, em 2020, nota-se um importante crescimento que não se restringiu às áreas planas, portanto, avançando por pontos mais elevados. Estas ocupações subsequentes demandaram, inclusive, o corte de morros para as aberturas de novas ruas. É interessante notar que a

entrada da cidade, indicada pelo ponto preto nos mapas, foi alterada, a partir da possibilidade de acesso rodoviário com a abertura da rodovia BR040 que também passa pela Serra da Estrela, partindo de Xerém na base da serra. Inicialmente o acesso acontecia de acordo com o caminho da Estrada de Ferro.

Os mapas das Figuras 7ab apresentam os gabaritos das edificações permitindo entender o crescimento vertical da cidade e suas implicações na dinâmica de expansão da cidade.

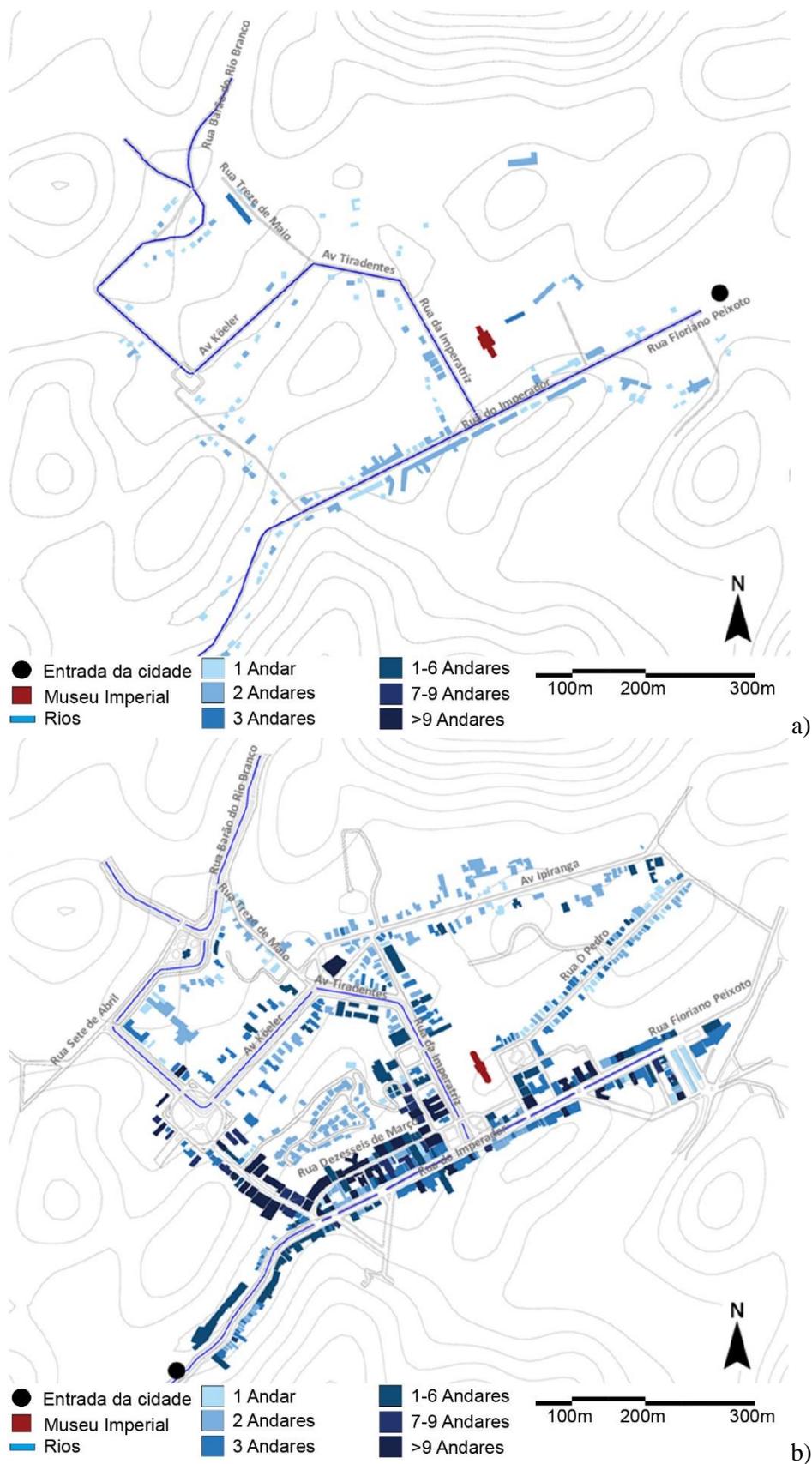


Figura 7. a) Mapa de gabaritos indicando o Centro Histórico no momento de sua implantação – 1860. **b)** Mapa de gabaritos indicando o Centro Histórico no momento de sua implantação – 2020. (fonte: elaborada pelos autores).

Para identificar o processo de verticalização da cidade os mapas da Figura 7ab apresentam a indicação dos gabaritos no Centro Histórico. O Museu Imperial, o primeiro marco histórico da cidade, aparece com cor diferenciada para situar o leitor nos mapas e permitir o entendimento da evolução do Centro Histórico.

Com o auxílio da escala de cores para visualização do número de pavimentos, é possível observar que em 1860 as construções dificilmente excediam 2 andares. Os antigos sobrados que se espalharam ao longo da Rua do Imperador são reflexo da adequação à ausência de grandes espaços para construir, obrigando as construções dos sobrados colados uns aos outros, portanto, com fachadas estreitas e contíguas, como aconteceu na cidade do Rio de Janeiro (Moraes e Ferreira, 2017). Os mesmos autores indicam que essa forma de construir compacta, que em Petrópolis ocorreu também por causa do relevo e da presença dos rios cortando a região, era necessária dada a ausência de transportes que permitissem a circulação de forma rápida.

No Rio de Janeiro, os sobrados passaram a ser residência das classes mais abastadas desde o final do século 16. No pavimento térreo ficavam depósitos, coqueiras e os aposentos dos escravos e no superior, a moradia. No século XIX, a área térrea era reservada ao espaço social e no 2º andar ficava área íntima com os quartos. Nas áreas comerciais, o térreo era destinado ao negócio. (Moraes e Perreira, 2017)

Assim, os sobrados de Petrópolis se assemelhavam, em grande parte, aos antigos sobrados portugueses com residência no segundo andar e comércio familiar no pavimento diretamente ligado à rua, principalmente na Rua do Imperador e na Rua Treze de Maio. Porém, uma tipologia bastante comum no entorno do Museu Imperial é a de casarões de grande imponência com função exclusiva de residência e com afastamento frontal e lateral ocupado por jardins (Figura 8a). Essa tipologia arquitetônica refletia a

nobreza da época e grande parte é mantida até os dias atuais, porém muitas dessas casas hoje possuem função comercial (observação *in loco*).

Os antigos “Quarteirões Coloniais” apresentam casas menores, em lotes menores, com testadas predominantemente estreitas, dando origem a vilas residenciais, em aclave devido a faixa estreita de área plana. Pode ser observada também a presença de vilas operárias, principalmente no Alto da Serra, Morin, Bingen e Mosela.

Nas ruas do Imperador, Treze de Maio, Sete de Abril, Floriano Peixoto, entre outras, ainda predominam os sobrados originais de dois pavimentos, porém, com uso predominantemente comercial. Cabe ressaltar, que na Rua do Imperador, dada sua extensão que atravessa o Centro Histórico, apesar da permanência de muitos sobrados até os dias atuais, pode ser observado um intenso processo de verticalização. Na Rua Dezesseis de Março, observa-se onde o processo de verticalização foi mais intenso, resultando em uma rua estreita com edifícios muito altos. Um deles é o famoso Centenário, e foi o primeiro a ser construído com 13 andares. Apesar das primeiras construções multifamiliares do centro da cidade terem acontecido na década de 1940, foi entre as décadas de 1960 e 1980 que se deu a expansão do processo de verticalização (PMP, 2012). Posteriormente, nesta região, a construção de edificações novas foi rara (Tabela 1), devido às ações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - INEPAC e o Conselho Municipal de Tombamento - CMT do Departamento de Urbanismo que é subordinado à Coordenadoria de Planejamento e Gestão Estratégica – CPGE. Em 8 de junho de 1964, foi tombado o conjunto urbano-paisagístico da Avenida Köeler e, em 1980 e 1982, o tombamento foi estendido, incluindo “as avenidas Sete de Setembro, Tiradentes e Ipiranga; as ruas São Pedro de Alcântara e Raul de Leoni; a Praça Visconde de Mauá; e a Catedral, além de inúmeras casas” (IPHAN, 2014).

Tabela 1. Número de novas construções multifamiliares na região central de Petrópolis (Fonte: Secretaria de Planejamento, 2005).

Década	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Nº de edifícios	14	14	21	35	24	7	4

Ainda na Figura 7ab é possível observar que na proximidade do Museu Imperial foram abertas novas vias, porém o gabarito das edificações foi mantido. Entre as décadas de 1950 e 1970, foi observado um maior número de construções multifamiliares. Isso permitiu que parte do território central fosse descaracterizado e recebesse muitas novas edificações com gabaritos mais altos e modificação de testada e afastamentos laterais. O tombamento do conjunto da Avenida Köeler e Rua da Imperatriz pelo IPHAN em 8 de junho de 1964 no processo 662- T-62 e, por fim, as extensões dessa área tombada na década de 1980, atingindo a Rua do Imperador (Mauricio, 2015) inibiu a verticalização, porém ainda foram construídas novas edificações com altos gabaritos nos anos subsequentes como pode observado na Tabela 1 para os anos de 1990 e 2000. Em

função da iniciativa de preservação na região do núcleo fundacional e entorno uma importante parte do conjunto se encontra preservada. Dentre as tipologias presentes atualmente no núcleo podem ser apontadas: Casa do Colono (1), Casas Petropolitanas (10), Chalés Românticos (13), Casas de Terreão (15), Normando (12), Eclético (28), Neocolonial (2), inclusive Modernista (6) (IPHAN, 2003). Somam-se a estas construções os sobrados ecléticos e Art Déco da Rua do Imperador.

Na Figura 8ab é possível verificar um dos exemplares arquitetônicos preservados (8a) e uma alteração significativa da tipologia (8b). Grande parte dos sobrados do período imperial é considerada como Patrimônio Tombado do Município e não pode mais sofrer alteração.



a)



b)

Figura 8. a) Exemplo de arquitetura do século XIX preservado até os dias atuais (fonte: Freddy Van Camp, 2017). **b)** Exemplo de alteração tipológica da década de 2020 (fonte: Breno Simão, 2020).



Figura 9. Mapa do Centro Histórico e do entorno, indicando a expansão da cidade – 2020 (fonte: elaborada pelos autores).

A imagem da Figura 8a apresenta a Mansão Tavares Guerra, conhecida como Casa dos Sete Erros, por sua assimetria, um projeto de Karl Spangenberg, de 1884. Na Figura 8b observa-se o Complexo de Shopping, Lojas e serviços (Rodrigo Simão, Breno Simão, Gabriela Pimentel e Jorge Simão), ainda não inaugurado, ladeado por dois edifícios, remanescentes anteriores às restrições de construções, de 1980. No espelho frontal do edifício podem ser observados refletidos, dois edifícios do entorno imediato da Rua do Imperador.

A dinâmica de expansão da cidade é apresentada na Figura 9 e observa-se que seu crescimento se dá no entorno do núcleo fundacional. A imagem apresenta o Perímetro de Proteção do Conjunto Urbano Paisagístico de Petrópolis tombado pelo IPHAN (IPHAN, 2003).

A cidade seguiu um vetor de expansão até 2020 com uma lógica de ocupação semelhante à sua implantação, com exceção para a maior ocupação das áreas mais íngremes dos morros, principalmente por bairros mais pobres. A partir da Figura 9 nota-se que o seu crescimento, fora dos limites do núcleo fundacional, ocorreu nas vias, ao longo dos rios, e das vias de ligação às regiões adjacentes através dos vales. A expansão de algumas regiões ocorreu em função da

proximidade com o núcleo da cidade, já existente, como é o caso da Rua Barão do Rio Branco, caminho para às Minas Gerais.

Há um cuidado particular com a preservação também da vegetação nesta região. Essa característica é firmada no início da década de 1980, quando ocorre um movimento em defesa das áreas ambientais, com a aprovação do decreto de criação da primeira área de proteção ambiental federal do Brasil, a APA - Petrópolis. Esse fato indica a vontade de conciliar os interesses socioeconômicos da cidade com a permanência dos recursos naturais. Petrópolis é circundada por reservas, áreas de proteção ambiental, as APA's, além do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, o PARNASO, criado em 1939.

Foi desenvolvido o modelo 3D para a visualização do conjunto, possibilitando, desta forma, a observação da expansão horizontal e vertical da cidade. Para o desenvolvimento dos modelos, neste momento, não foi incluída a vegetação, nem as edificações fora do limite do recorte estabelecido para este trabalho. São apresentadas duas formas de visualização, para cada momento, ou seja, as imagens foram selecionadas, no mesmo ângulo, para que as diferenças pudessem ser observadas. Nas imagens, o Museu Imperial aparece em vermelho, sendo o ponto de referência da implantação da cidade na região.

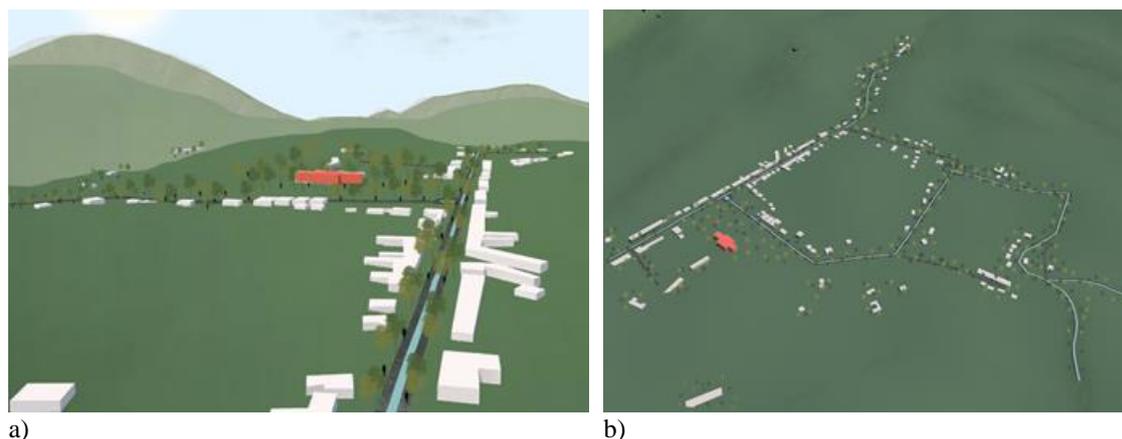


Figura 10. a) Modelo em 3D Centro Histórico – 1860: em destaque a Rua do Imperador.
b) Modelo em 3D Centro Histórico – 1860: olho de pássaro (fonte: elaborada pelos autores).

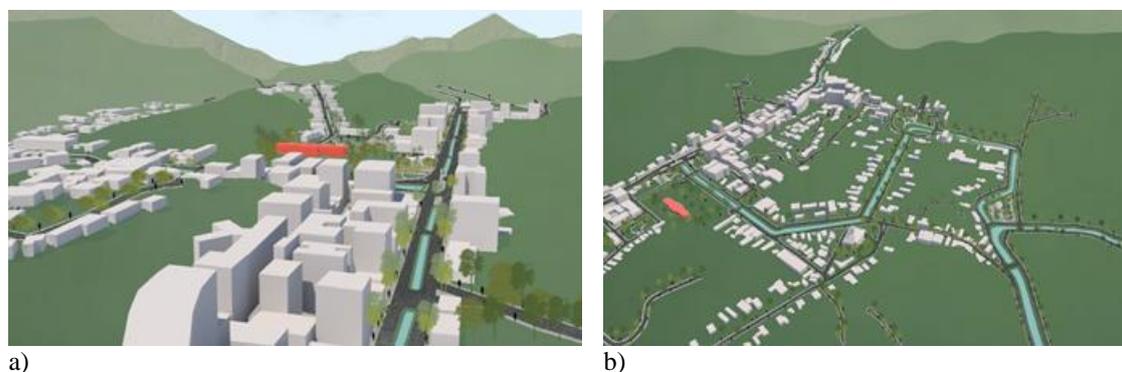


Figura 11. a) Modelo em 3D Centro Histórico – 2020: em destaque a Rua do Imperador.
b) Modelo em 3D Centro Histórico - 2020: olho de pássaro (fonte: elaborada pelos autores).

O modelo da Figura 10ab refere-se ao período de 1860 e a Figura 11ab apresenta a configuração de 2020. Duas formas de visualização foram adotadas: a primeira traz uma visão interna aproximada da cidade (Figura 10a e Figura 11a), tendo como foco a Rua do Imperador, local de referência do comércio da cidade desde a sua ocupação inicial. O Palácio Imperial aparece em destaque nas figuras com a cor vermelha. As Figuras 10b e 11b trazem os modelos tridimensionais na visualização “olho de pássaro” que permite a observação do conjunto do Centro Histórico.

A partir das imagens (Figura 10ab e 11ab) é possível observar o crescimento da cidade e a abertura de novas ruas e principalmente a densificação e verticalização na Rua do Imperador. Em alguns casos, os vales foram aproveitados para abrir caminhos e alguns morros foram ocupados em função da

necessidade de novos espaços para a população em crescimento.

Na Rua do Imperador, observa-se o surgimento de alguns edifícios mais altos, mas grande parte dos sobrados originais permanece no local. As novas ruas, abertas por volta da década de 1940, sofreram o processo de verticalização com as construções posteriores a sua abertura de até 8 pavimentos.

Novas dinâmicas urbanas, como o processo de industrialização na década de 70 trouxeram novas necessidades e tipologias arquitetônicas à cidade. Como não foi definida uma região industrial, as indústrias se espalharam ao longo da cidade, nos diversos bairros, trazendo as Vilas Operárias, uma nova relação social na cidade, porém, nenhuma delas se localiza no Centro Histórico.

No intuito de avaliar a permanência- das classes dominantes no Centro Histórico e no

seu entorno, as Figuras 12 e 13 apresentam os mapas comparativos entre a ocupação definida na década de 1860 pelo Major Köeler e o

mapa de renda dividido por bairros com dados de 2010 (IBGE, 2010).



Figura 12. Classificação das áreas definidas pelo Plano do Major Köeler na década de 1860 (fonte: elaborado pelos autores com dados da Biblioteca do Museu Imperial – Petrópolis – RJ).

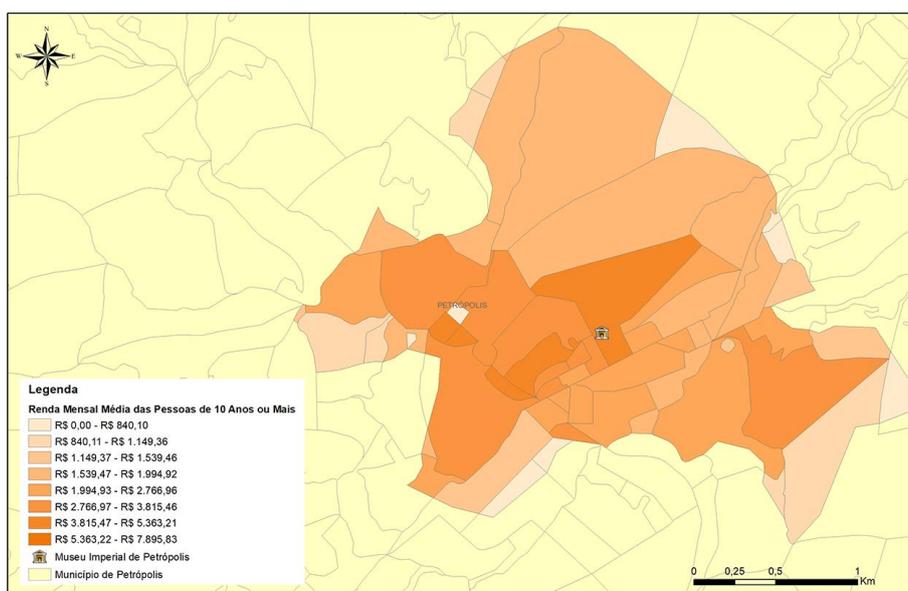


Figura 13. Mapa de renda per capita com destaque para a região central (fonte: elaborado por Elana Farias com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE 2010).

Observa-se que a classe de maior poder aquisitivo de Petrópolis permanece nas edificações do Centro Histórico (Quarteirões Vila Imperial) e nos arredores do mesmo (Valparaíso e Retiro). Já as classes menos abastadas financeiramente estão mais próximas das periferias da cidade. Isso também pode ser verificado através do valor venal médio do metro quadrado de Petrópolis onde os bairros centrais possuem uma média de R\$ 7.071,43 por m² (Valparaíso), R\$ 6.914,89 por m² (Retiro) e R\$ 6.617,65 por m² (Centro). Já os bairros Quitandinha e Mosela (Quarteirões Coloniais) possuem valores venais mais baixos, sendo respectivamente, R\$ 4,7 mil e R\$ 4,6 mil por m² (Fernandes, 2020).

Sem uma prospecção de ocupação prévia, o Centro Histórico abriga hoje, um condomínio de luxo, conhecido como “Morro dos Milionários”, localizado no Morro do Cruzeiro em frente ao Museu Imperial (ver Figura 12). O Plano Koeler determinou a distribuição dos prazos, destinando os mais próximos ao Palácio Imperial à nobreza, integrantes da corte e alta burguesia (Copello, 2009). A ocupação do “Morro dos Milionários” pode ser considerada um exemplo de como a concentração das classes mais abastadas na área central ainda está presente na concepção social dos Petropolitanos.

Conclusões

A partir dos resultados obtidos, na pesquisa, e da geração dos mapas 2D e 3D dos dois momentos históricos, foi possível traçar um panorama das modificações sofridas pela cidade de Petrópolis ao longo dos anos.

Entre as análises realizadas, está o processo de verticalização, no Centro Histórico, contido pelo senso de preservação do patrimônio histórico e construído, motivado pela intensa valorização da história da cidade.

A centralização do comércio permanece na mesma área desde 1860, na Rua do Imperador, com ramificações nas ruas de seu entorno, ou seja, ela ainda é o foco do comércio e negócios na cidade.

No Centro Histórico, nas últimas décadas, não houve uma expansão significativa para além da área já ocupada desde o final do século XX (PMP, 2012). A topografia existente foi um

possível limitador de crescimento, preservando parte da massa de vegetação nas áreas mais íngremes.

Observou-se que a expansão do restante da cidade, provocou a redução das áreas de vegetação, não restringindo-se, apenas aos vales ou em áreas propícias à construção. A ocupação dos morros ocorreu em, praticamente, toda a cidade, intensificando o desmatamento e a ocupação das margens dos rios, expondo os moradores a riscos frequentes. Com essa expansão territorial, alguns rios foram canalizados e, outros, mesmo que em seus cursos originais, foram afetados pela poluição. Em relação ao Centro Histórico, observam-se poucas alterações da massa de vegetação e dos rios, dada sua configuração e preservação, e os impedimentos legais, que não permitem mais a demolição das construções existentes.

Petrópolis, à sua maneira, preserva, até os dias de hoje, características de sua implantação com o Plano do Major Köeler, bem como de outros momentos que impactaram a cidade e que influenciaram as mudanças na sua arquitetura no decorrer do tempo e no âmbito econômico, político, social e cultural da região. No processo de industrialização não foi diferente, com as novas formas de trabalho, a criação de ferrovias e rodovias e, na atualidade, com as dinâmicas recorrentes na cidade, onde a memória tem um peso importante tanto nas atividades industriais como no desenho do Centro Histórico preservado.

O tempo não dissolveu a concentração das classes sociais. Aquelas de maior poder aquisitivo permanecem ao redor do Museu Imperial, como definido inicialmente pelo Plano Urbanístico do Major Köeler de 1846. Esta é a região com imóveis mais caros, mesmo que alguns não sejam tão grandes. Atualmente, encontram-se novos edifícios que substituíram algumas das antigas casas de famílias ligadas ao Imperador. Outras casas permanecem preservadas, mas seu uso foi alterado, sendo muitas delas se tornaram empresas, escolas, clínicas e até bancos.

Como perspectivas a curto e a médio prazo, almeja-se o desenvolvimento de outros modelos computacionais, um deles, certamente relacionado ao período do desenvolvimento industrial da cidade. A

proposta é produzir retratos da cidade de acordo com os marcos históricos escolhidos e, a partir disso, construir um acervo de modelos

Referências

Ambrozio, J. C. G. (2008) O presente e o passado no processo urbano da cidade de Petrópolis. Uma história territorial. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade do Estado de São Paulo – USP.

Arquivo Nacional (2016) MAPA - Memória da Administração Pública Brasileira. Estrada de Ferro D. Pedro II. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/317-estrada-de-ferro-d-pedro-ii>

Borges, M. V. (2007) O zoneamento na cidade do Rio de Janeiro: gênese, evolução e aplicação. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro.

Copello, J. O. M. (2009) Emigrantes alemães e a sua inserção no processo de formação da Povoação – Palácio de Petrópolis (1845-1886). 2009. 182 f. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói.

Choay, F. (ed.) (1979) *O urbanismo: utopias e realidade, uma antologia*. São Paulo, Perspectiva.

Drach, P., Barbosa, G. S., Corbella, O. D. e Silva, M. A. P. (2016) Estudos da dinâmica da temperatura intra-urbana: Petrópolis. *Avances en Energías Renovables y Medio Ambiente*. 20, 05.09-05.20.

Fernandes, Philippe. *Preço médio do metro quadrado em Petrópolis é de R\$ 5,9 mil*. Jornal Diário de Petrópolis. Acessado em abril de 2020. <https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/preco-medio-do-metro-quadrado-em-petropolis-e-de-r-5-9-mil-144026>

Froés, C. O. (2002) Detalhes interessantes sobre o plano Köeler. Em: *Instituto Histórico de Petrópolis, Texto básico de palestra no IHP*, Petrópolis, Brasil. Disponível em: http://ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/cof20020311.htm. [Consultado em: 26 de março de 2020].

Froés, J. (n.d.) Estrada Velha da Estrela. Arquivo Histórico – Iconografia (CF-P 09 – 11), Museu Imperial. Disponível em: <http://200.159.250.2:10358/handle/acervo/7048>. [Consultado em: 15 de abril de 2020].

Gabler, L. (2016) Estrada de Ferro D. Pedro II, texto retirado do Dicionário do Período Imperial, pelo portal Memória da Administração Pública Brasileira (MAPA) do site do Arquivo Nacional.

2D e 3D de cada momento para posteriores análises morfológicas.

Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/317-estrada-de-ferro-d-pedro-ii>. [Consultado em: 14 de janeiro de 2020].

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011) Indicadores Sociais Municipais: uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro. (Estudos e Pesquisas: informação demográfica e socioeconômica, n. 28). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/li54598.pdf> [Consultado em: 21 de abril de 2020].

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2014) Patrimônio material, Conjuntos Urbanos Tombado – Petrópolis, RJ. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/382/#:~:text=O%20conjunto%20urbano%20paisag%C3%ADstico%20da,pele%20major%20J%C3%BAlio%20Frederico%20K%C3%B6eler> [Consultado em: 5 de maio de 2020].

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2003), INBI-SU: Estudo sobre as Tipologias Arquitetônicas Observadas nas Áreas Inventariadas no Município de Petrópolis – Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IPHAN.

Lamas, J. M. R. G. (eds.) (2004) Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Matos, O. N. de., (1995) Vias de comunicação. Em: Holanda, S. B. de. (ed.) *O Brasil Monárquico: declínio e queda do império. História geral da civilização brasileira*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

Maurício, M. M. (2015) Solar do Império: Convergência de Memórias e Apropriação pelo Turismo Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Memória Social (PPGMS) do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Moraes, Lucia Madeira; Pereira, Margareth da Silva. (2017) Sacadas cariocas. Varandas em ferro no Rio de Janeiro. Arquitextos, São Paulo, ano 18, n. 207.02, Vitruvius. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.207/6662> [Consultado em: 29 de abril de 2020].

Morlei, E. J. (2008) A forma da utopia: o Plano Köeler e a implantação da Vila Imperial. Oficina de Estudos da Preservação / Coletânea I. Org Maria Rosa Correia. Rio de Janeiro: IPHAN.

- Oliveira, V., Monteiro, C. e Partanen, J. (2015) Acomparative study of urban form, *Urban Morphology*, 19 (1), 73-92.
- Oliveira, V. (2016) Morfologia urbana: diferentes abordagens. *Revista de Morfologia Urbana*. 4(2), 65-84. Disponível em: <file:///F:/Downloads/7-Texto%20do%20artigo-13-1-10-20181208.pdf>. [Consultado em: 18 de maio de 2020].
- Oliveira, V. (2018) Diferentes abordagens em morfologia urbana. A abordagem histórico-geográfica (Escola Conzeniana). Em: Oliveira, V. (ed.) *Diferentes Abordagens em morfologia urbana*. Contributos luso-brasileiros. Porto, pp. 9-38. Disponível em: vitoroliveira.fe.up. [Consultado em: 5 de abril de 2020].
- Peel, M.C., Finlayson, B.L., McMahon, T.A. (2007) Updated world map of the Köppen-Geiger climate classification. *Hydrology and Earth System Sciences Discussions Discussions*, 11 (5), 439-473.
- Pedroso, M. M. M. (2014) Petrópolis: De Povoação-Colônia a Elevação à Categoria de Cidade, Um estudo sobre sua Formação Urbana. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio.
- Pedroso, M. M. M. (2007) De Fazenda à Núcleo Urbano, a Cidade Imperial em sua Formação. Em: *Instituto Histórico de Petrópolis, Texto básico da palestra proferida na reunião do IHP sobre a Monografia de pós-graduação em História da PUC-Rio*, Petrópolis, Brasil. Disponível em: http://ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/mmmmp20071008.htm. [Consultado em: 14/01/2020].
- Prefeitura Municipal de Petrópolis, PMP. (2012) Guia do investidor. Secretaria de Planejamento. Disponível em: <http://www.petropolis.rj.gov.br/pmp/index.php/prefeitura/148-secretarias/secretaria-de-planejamento-e-desenvolvimento-economico/232-guia-do-investidor.html>. [Consultado em: 11 de março de 2020].
- Rabaço, J. H. (ed.) (1985) *História de Petrópolis*. Petrópolis, Instituto Histórico de Petrópolis (IHP).
- Rocha, J. J. (ed.) (1995) *Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais. Descrição Geográfica, Topográfica, Histórica e Política da Capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro (FJP).
- Santana, M. M. (2012) As bordas da cidade colonial: Um estudo da paisagem tombada de Ouro Preto-MG. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa – UFV. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2282001932254246> [Consultado em: 25 de maio de 2020].
- Santos, A. C. M. (1979) Da Colonização à Europa Possível, as Dimensões da Contradição Em: *Uma cidade em questão I: Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Editora PUC-RJ, pp.25-40.
- Schwarcz, L. M. (ed.) (2012) *As Barbas do Imperador*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Silva, L. H. A. & Mello, E. V. & Barbosa, D. R. (2012) Risco ambiental de enchentes nos rios formadores da bacia do rio Piabanha (região serrana fluminense). Anuário do Instituto de Geociências. Rio de Janeiro. Disponível em: http://dx.doi.org/10.11137/2012_2_78_83 [Consultado em: 19 de maio de 2020].
- Taulois, A. E. de A. (n.d.) Estudo Histórico. Instituto Municipal de Cultura e Esportes. Disponível em: <http://www.petropolis.rj.gov.br/fct/index.php/petropolis/historia> [Consultado em: 15 de abril de 2020].
- Umbelino, G., Carvalho, R., & Antunes, A. (2009) Uso da cartografia histórica e do sig para a reconstrução dos caminhos da estrada real. *Revista Brasileira De Cartografia*, 61(1). Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revistabrasileiracartografia/article/view/44855>. [Consultado em: 15 de abril de 2020].
- Van Camp, F. (2017) A Cultura de Uma Arquitetura em Petrópolis: Os períodos de uma Cidade Imperial. *Palestra apresentada no Instituto Histórico de Petrópolis – IHP*. Petrópolis, Brasil. Disponível em: <http://ihp.org.br/?p=1293> [Consultado em: 12 de abril de 2020].

Tradução do título, resumo e palavras-chave

Urban Development of the Historic Center of Petropolis: Landscape Archaeology Process 1860-2020

Abstract. Petropolis city is localized in Serra da Estrela, in Rio de Janeiro state, Brazil. Petropolis was a summer city of Portuguese Royal Family, and now a day, it is recognized by the differentiated urban layout and architecture. There are a development milestone, which allows understand the urban evolution connected by the city trajectory and the country history moments. The historical centre of the city, the 18th century chateaus are mixing to the townhouses (Art Déco architecture and eclectic styles), the modernist's styles and industrial architectures. The objective of this work was shown an urban evolution study of historical center of in two periods, 1860 and 2020. Moreover, to the layout, this study considered the buildings typology, also analyzing the distribution of social classes in the territory. In silico tools were used and the results were correlated to construct models of urban and income maps. This analysis reveals: (i) with routes opening in historical center; (ii) a permanence of the richer social classes around the Imperial Museum, as previously defined by the Urban Plan of 1846; (iii) and also, the historic houses maintenance, which that reflect the imperial age.

Keywords: urban development, urban morphology, historical center, Petropolis city, landscape archaeology

*Editor responsável pela submissão: Renato T. de Saboya.
Licenciado sob uma licença Creative Commons.*



ERRATA (02-08-2021):

No artigo “Evolução urbana do centro histórico de Petrópolis: processo de arqueologia da paisagem 1860-2020”, com o número de DOI <https://doi.org/10.47235/rmu.v8i2.150>, publicado na Revista de Morfologia Urbana, 8(2), e00150,

onde se lia (p. 1):

“Família Real Portuguesa”

leia-se:

“Família Imperial”.

Onde se lia(p.1; p.2; p.14):

“século XVIII”

leia-se:

“século XIX”.